



Rosa Acassia Luizari  
Nilo da Silva Lima  
Elcio Fonseca  
Caio Pinto  
Gabriel Fabrício de Souza  
Ronaldo Cagiano  
Valder Valeirão  
Júlia Lelli  
Claudia Regina Montini  
Maria Eduarda Rodrigues  
Beatriz Mesquita  
Telma de Jesus  
Marcus Deminco  
Cecília Lobo  
Thays Thayllon  
Shamara Paz  
Dylla Vicente  
Adriane Monteiro  
Luiza Moura  
Carlos Azzolin B.

org.  
Well Souza



trevo



EDITORA  
Benfazeja

Essa revista é a nossa forma de agradecer aos escritores pelo acolhimento que temos recebido desde 2010, quando começamos a revista benfazeja (projeto de blog, bem modesto, mas desde sempre cuidado com zelo e seriedade). Ao acolhimento presente também quando, em 2015, abrimos a editora benfazeja e ao acolhimento de agora, com o Selo Trevo.

Publicar literatura, em especial poesia, tem sido o norte dos projetos editoriais e minha missão pessoal. Escrever poesia está em segundo plano, um hobby por vezes doloroso (você devem saber bem do que estou falando). Trabalhar com a Revista de Poesia é revigorante (além desta revista temos também o Prêmio Literário Poesia Agora que publica em livro impresso os poetas vencedores).

Estamos a par do peso e do esforço que será ler e retratar a produção poética contemporânea. A par da audácia de levar um projeto assim, de forma gratuita e demográfica. Mas também sabemos bem (como disse, desde 2010) a delícia que é tratar/lidar com poesia e, principalmente, com poetas.

Agradeço, por participantes. Foi difícil escolher apenas 10 para representar todos esses inscritos. Difícil e prazeroso, mas acredito que fizemos (e continuaremos fazendo), um grande trabalho!

Esta edição é a primeira publicação de muito dos 20 autores e será a primeira publicação de centenas de outros poetas no decorrer dos próximos anos. Devo repetir o quanto essa energia que recebemos é revigorante - parece que até os computadores trabalham melhor. Devo repetir que é o nosso norte.

Por favor, leiam, compartilhem, baixem e guardem :)

Esse carinho que recebemos de volta é o nosso (melhor) salário!



- |    |   |    |   |
|----|---|----|---|
| 5  | Assim se faz poesia<br>Rosa Acassia Luizari | 17 | Borboleta<br>Telma de Jesus                   |
| 6  | Geometrias<br>Nilo da Silva Lima            | 18 | Quarta-Feira De Cinzas<br>Marcus Deminco      |
| 7  | Talho<br>Elcio Fonseca                      | 19 | Cidade Colorida<br>Cecília Lobo               |
| 8  | Pétala<br>Caio Pinto                        | 20 | 29 de janeiro<br>Thays Thayllon               |
| 9  | Escuro lúgubre<br>Gabriel Fabrício de Souza | 21 | Como controlar o relógio?<br>Shamara Paz      |
| 11 | Palimpsestos<br>Ronaldo Cagiano             | 22 | Subterfúgio<br>Dylla Vicente                  |
| 12 | _<br>Valder Valeirão                        | 23 | Música para os olhos dela<br>Adriane Monteiro |
| 13 | Noite de lua cheia<br>Júlia Lelli           | 24 | Maktub?<br>Luiza Moura                        |
| 14 | O Nada<br>Claudia Regina Montini            | 25 | Céus acima<br>Carlos Azzolin B.               |
| 15 | Ar gauche<br>Maria Eduarda Rodrigues        |    |   |
| 16 | Carolina de Jesus<br>Beatriz Mesquita       |    |   |

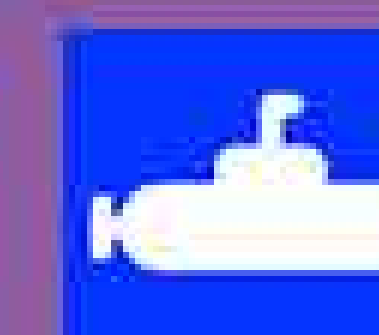
PUBLIQUE CONOSCO

ANTOLOGIAS

quer realizar o sonho  
de publicar um livro?



podemos te ajudar :)





## Assim se faz poesia

Poesia é envolver-se no enquadramento do papel.  
Pensar com a alma, psicologizar a palavra.  
Exteriorizar resquícios e marcas que o tempo deixa.  
Ideais implícitos na humana natureza, pinceladas de  
tristeza e alegria.  
E assim se faz poesia.

Poesia é desconstruir o já feito, o dito pelo não dito.  
Sonhar com a calma, saborear a Filosofia.  
Expressar a impressão no impresso.  
Mentalizar abundância de significados, faíscas de  
abraço que se distancia.  
É assim que se faz poesia.

Diálogo da poesia consigo mesma se faz no atrito da  
letra com a carne.  
Predadores à solta, palavra revolta que se formaliza na  
aliteração.  
Signo se realiza com vontade no caderno de notas,  
dignifica o dicionário.  
A poesia se movimenta no corpo cantando versos  
livres de sugestão, em monologia.  
É assim que se faz poesia.

Delírios de supremacia afogados pela narrativa mestre,  
reconhecida pelo leitor.  
A poesia depressiva tenta sobreviver em meio a ótica  
que a renega a um outro plano.  
Autoestima destruída na sociedade corrompida,  
contornada por gêneros vários.  
A subversão retoma seus alicerces e se fortalece na

carne marcada pela diversão no ato  
de criar.

Assim se refaz a poesia.

Inimigo implacável é o trabalho do não-poeta, que tenta  
renegar a força-constituição da  
poesia. Na mente, no livro, na rua, a poesia dialoga consigo  
mesma para se manter viva.  
Tenta ser politicamente correta. Amante de si mesma, a  
poesia se olha no espelho e se  
autorreconhece como a mais atraente forma de arte na qual  
a vida encontra sua maior  
expressão.

Rosa Acassia Luizari



## Geometrias

A trapezista de maiô  
na pauta daquela corda visível sustentando o voo de  
seus passos

assemelhava-se a uma sílaba  
que um poema deseja toda só pra si

e eu cego  
por qualquer visão eu não fosse a filha de dona Carmen

completamente alheio ao mundo  
que envolvia a cidade, que envolvia o parque, comigo  
ali, tão distante  
ilhado naquela visão boba de menino dentro do desejo

Nilo da Silva Lima



## Talho

menos escrevo  
mais tempo olho  
para dentro do poema

meço remeço  
cada lado  
cada lasca  
da palavra

enquanto isso  
o tempo traspassa

limpo  
o problema  
sobra  
o poema

Elcio Fonseca



## Pétala

Sinto muito por ser uma pétala!  
Muita paixão,  
Muito calor,  
Muito na pele.  
A dor da rosa inteira,  
E o orvalho fino sobre mim,  
Assim, ao luar,  
O receio,  
Pelo colibri que não surgiu,  
Na vértebra,  
No lábio,  
No seio,  
Sou uma pétala e sinto muito!

Caio Pinto





## Escuro lúgubre

escuro, escuro lúgubre  
que não permite-se enxergar  
quais olhos serão capazes de ofuscar-se  
com o flamejar que está escondido por trás de ti?

tão profundo se aparenta ver  
formosa ausência de qualquer luz  
quando nos permitirá olhar e encontrar formas  
da mais remota essência de um ser qualquer?  
quem foi capaz de sentir algo pacificador  
estando num completo encargo enevoadado?

quando os corações começaram a bater  
na mais perfeita sintonia de aflição  
que luz pode apartar esse sofrimento de angústia?  
o que pode conduzir o alvor de uma paz vindoura?

que ser? o que foi forjado?

o que defluiu para conter as respirações do mais profundo pasmo?

quando tu, antiformoso escuro apareceu  
lançou seu poder alucinatório  
os olhos são apenas o refratário  
da mais esquizofrênica alucinação

daquilo que se almejava ver, mas não conseguia enxergar

escuro, escuro lúgubre  
que irrompe dos seres o sentido da visão

qual foco será capaz de mostrar-nos a primeira simetria?

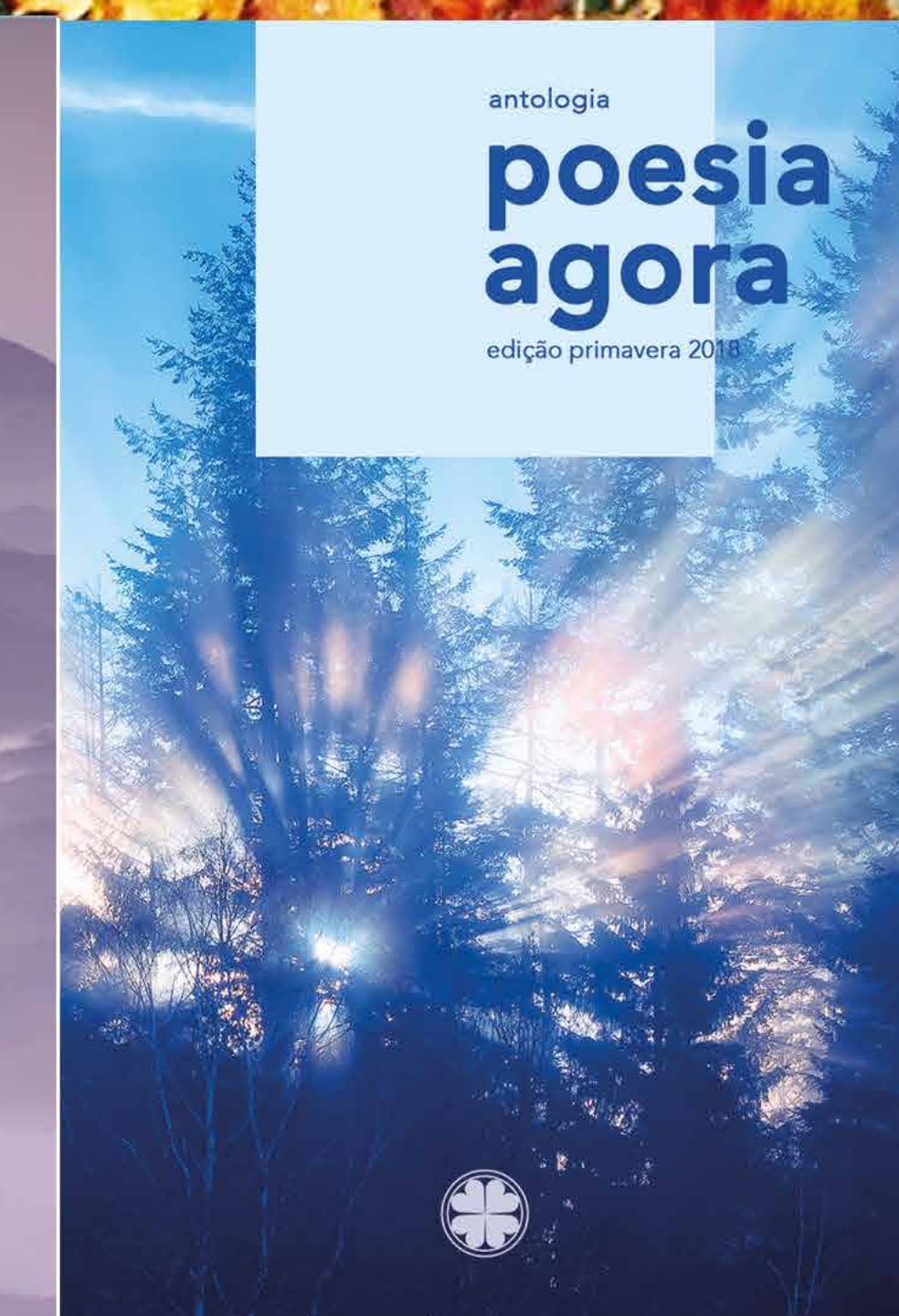
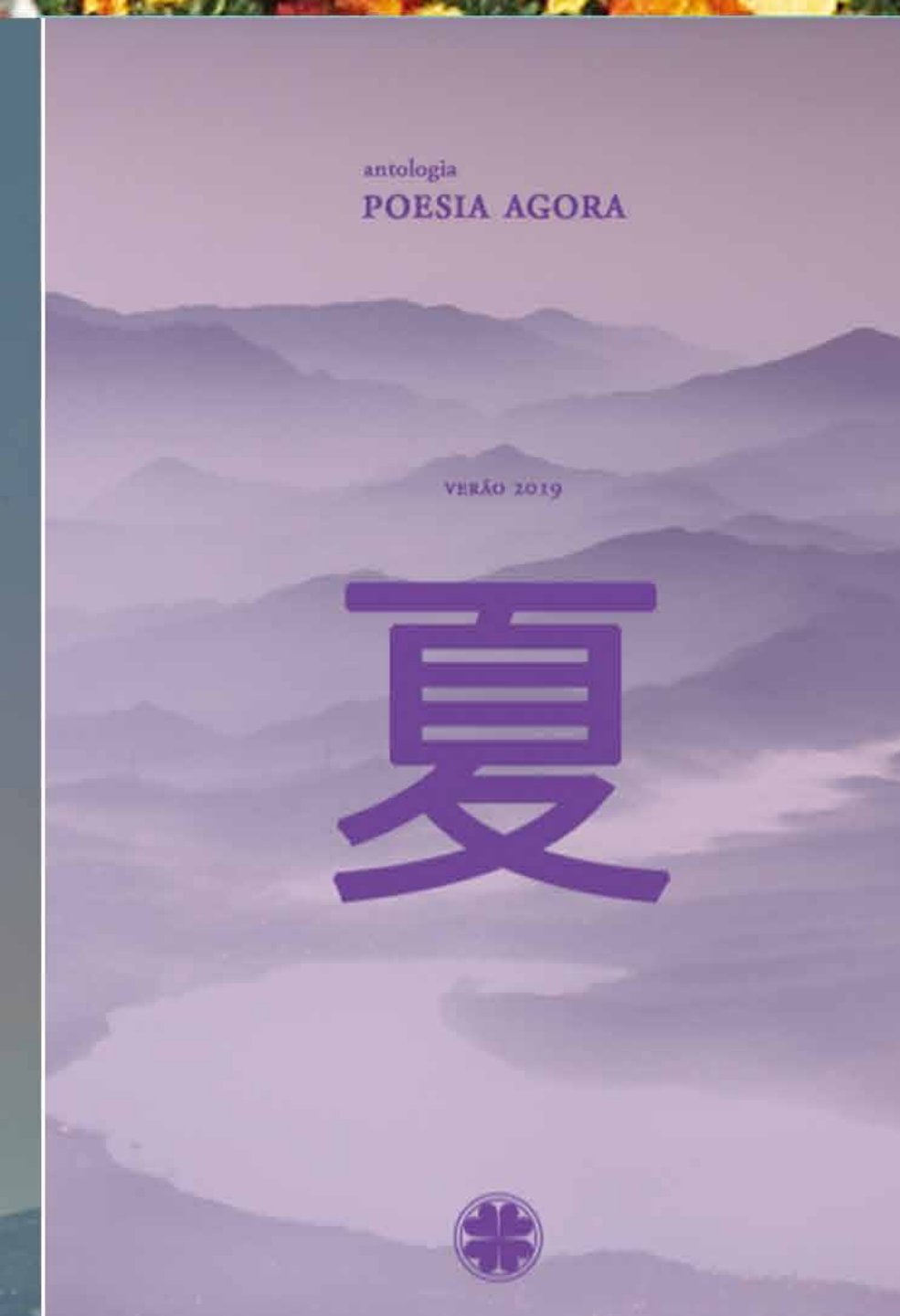
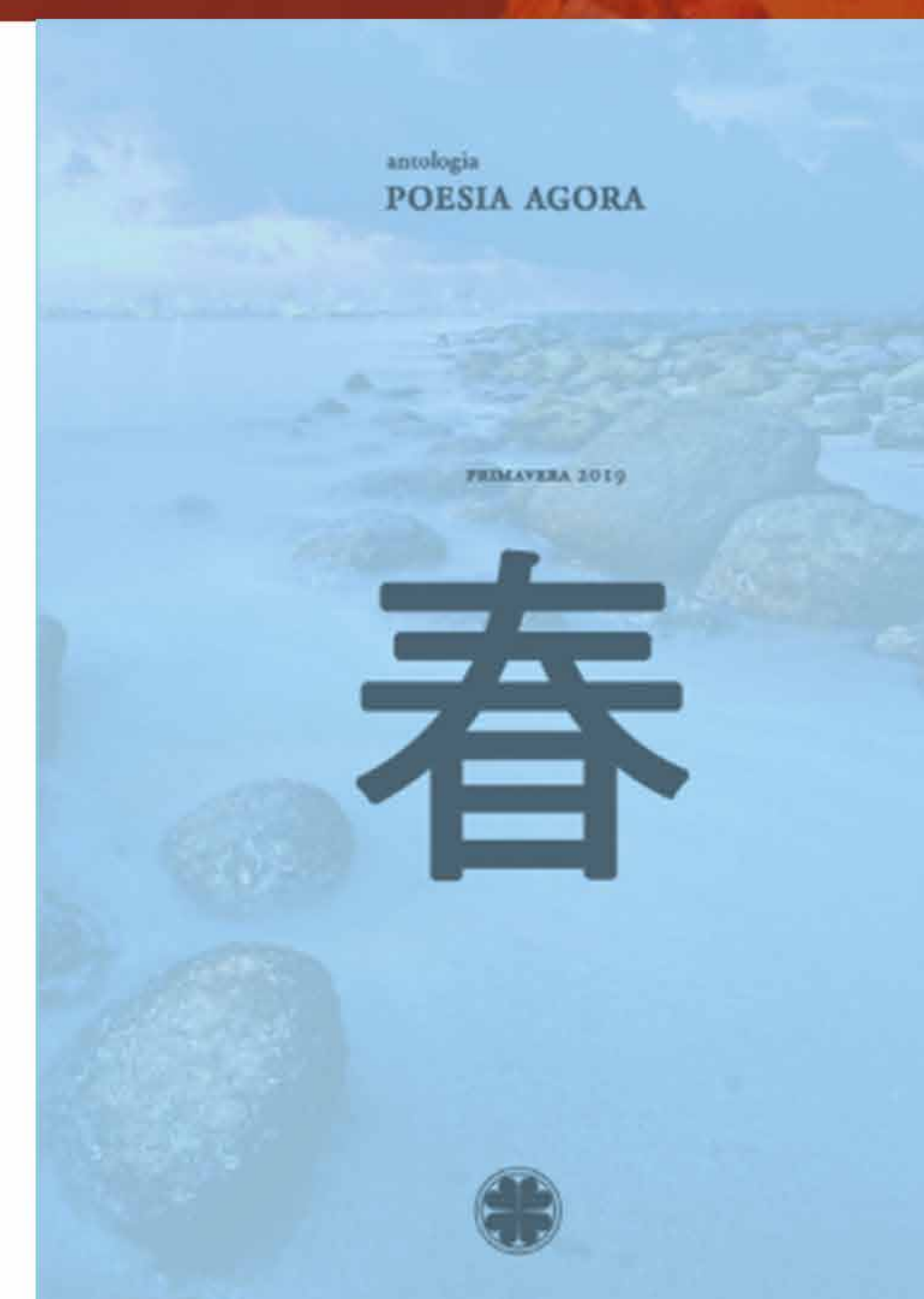
prêmio.  
poesia  
agora 2020  
outono

INSCRIÇÕES

07 de fevereiro a 07 de maio

ANTOLOGIAS  
ANTERIORES

[www.editoratrevo.com.br](http://www.editoratrevo.com.br)





## Palimpsestos

Sob a pele das palavras  
mil mundos me contemplam  
com um desafio de esfinge:

palácios

cemitérios

a náusea das guerras

as nódoas do tempo

os compulsórios desertos

a teia da aranha

a teoria da relatividade

a muda órbita dos planetas

o homem sem qualidades

a quadratura do círculo

os contornos do abismo

O vocábulo

se espraia

sobre cada gesto

desejo

centelha

ameaça

e cada espinho que não vejo

e piso

socorre-me do

anonimato

ajuda-me a dissecar

o que ainda não

vivi

Nesse tempo

de angústias em pleno cio

de temores soletrando tragédias

de ventos semeando esbulhos  
em seu roteiro por  
esquizofrênicas pastagens,  
o verbo me devolve ao éden

Ronaldo Cagiano



—  
Certos versos nunca desaparecem  
vão para o mundo, exploram territórios  
correm junto dos rios, viram mar  
e voltam para não serem esquecidos  
em manhattan algum deus louco  
põe fogo pelos olhos e dispara raios  
por entre nuvens e tempestades  
no mundo todo tem gente buscando um verso  
e muitos outros buscam tantas coisas importantes  
que não ousa pensar a relevância disso tudo  
certos versos nunca desaparecem  
perambulam pelas madrugadas vazias do poema  
despencam de abismos, rastejam entre consoantes  
com suas vogais de trato refinado e eloquentes  
na mitologia grega havia um deus no subterrâneo  
deuses do céu e da água em guerra  
e hoje no mundo todo existem guerras infames  
onde tantos se desejam poderosos  
que poder algum seria suficiente  
e o que resta é fazer um tanto de paz  
certos versos nunca desaparecem  
se entregam às autoridades  
ficam presos em sentenças de amor  
e carícias de arrepiar a gramática  
na alemanha tem um deus mulher  
que contempla o infinito em busca de versos  
transborda filosofias sobre as horas  
se perde por entre os olhares enfermos  
dos relógios ativos das catedrais  
e esvazia esse tanto de tempo no espaço  
certos versos nunca desaparecem

viram vertigens em paisagens insanas  
com contagens de sílabas e tentativas de rimas  
que não levam a nada ou quase nada  
há um deus líquido na tabacaria  
um sem fim de chocolates amargos no caminho  
a torre mais alta da cidade te persegue pela noite  
todos os ventos passam por ti, todos passarinho  
a metafísica angustiante da praça da alfândega  
e esse poema cansado de tentar te encontrar.

Valder Valeirão



## Noite de lua cheia

Para Gilka Machado

A moça de braços leves e pés ligeiros  
dançou nua para a noite.  
Lá fora, a lua cheia brilhava.... lá dentro.  
Alma de viajante dos ares,  
alma errante,  
alma que voa nua....  
Mas o corpo!  
Ah.... o corpo é de carne e não se faz só de ilusão.  
Corpo é fonte de vida que pede comida,  
que pede tesão.  
Corpo não dança para a lua,  
quem dança para a lua é a alma.  
Ela,  
que é pura.  
O corpo dança pra si.  
Pois é ego e o ego se excita ao ver sua forma nua no  
espelho da lua.  
Rebolai a cintura nua que carrega o feto desta noite  
impura,  
trançai seus pés minguados que levam para frente  
seus impulsos velados.  
Fadai!  
Ah! Fadai teu corpo,  
teu tesão

e tua excitação à quietude da noite velada,  
da lua cheia que,  
desavisada,  
partiu mais cedo e te deixou inda esfomeada.

Júlia Lelli



## O Nada

Há apenas o nada  
O nada invisível  
Começo a brincar com a palavra nada  
Fico seduzida  
O nada pode seduzir?  
Talvez ele arranque  
Misto de melancolia e tristeza  
Eu sou o nada...  
Sou aquele que nunca fui  
Nunca serei  
Nada  
Apenas olho  
Nada vejo  
Nada sinto  
Amplidão, nada mais  
Desejo que se transforma  
Pesadelo que se retrai  
Fumaça que se esvai  
Nada  
Cale a boca  
Fique quieto  
Não fale mais  
O nada ficou maior que tudo...

Claudia Regina Montini



## Ar gauche

cresci aprendendo a não fugir do Inferno,  
nunca desloquei os meus olhos daquilo que  
com a força de um canhão intempestivo  
me fazia caminhar.

foi assim, bem devagarinho, que aprendi a me  
debruçar  
sobre a dor e aceitar que o pernicioso, o lado arredio,  
a solidão,  
são consequências do pão que eu mesma amassei,  
porque deus nunca me amou.

não há ebúrneos na terra onde germinei  
nem miragens bonitas, não há pássaros  
nem canções de ninar, não há recomeços  
não há motivos para cantar, mas há ar,  
há respiração, mesmo que gauche, há vida.

e com os olhos coléricos eu aceito o fim,  
pois se de mim o Diabo quer vida,  
eu hei de respirar, respirar, respirar e  
ser gauche três vezes mais,  
que é pra provar que, pelo menos no Inferno,  
alguém me amou.

Maria Eduarda Rodrigues



## Carolina de Jesus

Carolina de Jesus,  
consagrada,  
mulher guerreira,  
pobre e mulata,  
mãe solteira,  
catadora de lixo,  
de onde tirou seu próprio mundo colorido.  
Dos papéis submersos nos entulhos de São Paulo,  
refletiu sua vida de miséria,  
despejou em seus diários em brancos,  
pensamentos profundos,  
fez deles o abrigo de uma alma viciosa,  
de igualdade.  
Com seu olhar nas estrelas,  
e a mão no papel,  
mostrou a vida na favela,  
expôs a marginalidade e a feminilidade,  
de uma sociedade de desigualdade.  
Mostrou seu cotidiano,  
da fragilidade à racionalidade.  
Mas porquê falar de Carolina?  
Poucos sabem...  
Moça que deu valor a seu caráter,  
fez do mundo uma fantasia perante a realidade.  
Dando-lhe o livro direitos de aconchego.  
De responder,  
reagir e  
ressurgir!

Beatriz Mesquita





## Borboleta

Não.  
Eu não sou Eva.  
Eu sou borboleta.  
Porque eu não sou feita costela de Adão.  
Eu sou feita da costela da crisálida.

Telma de Jesus



## Quarta-feira de cinzas

Silenciou batucada,  
Desnudou fantasia.  
Comeu toda fanfarra,  
Bebeu toda folia.

Não tem mais festa,  
Não tem mais devaneios risonhos.  
Delírios tristonhos,  
Enfados sem sonhos.

Aboliu de vez pandegada,  
Alvoroço perdeu vividez.  
Alegria pasmou-se amuada,  
Estroinice inebriava sensatez.

Arlequim não trebelhou multidão,  
Colombina se descoloriu.  
Pierrô sucumbiu na solidão;  
Alegoria desanimada dormiu.

Não se ouviu mais gargalhada.  
Cessou-se toda zombaria;  
Felicidade ficava embestada,  
Tempo tornava apatia.

Nada mais resta.  
Nessa festa tudo agora é real,  
Hoje a vida cansou de brincar  
De fazer carnaval.

Marcus Deminco



## Cidade Colorida

Pintaram os prédios  
As fachadas coloridas  
São como sorrisos  
Numa boca sangrenta  
Nada amenizam  
Só amplificam o horror  
Que me assola  
Acho que gostaria mais  
Que as coisas fossem  
Simplesmente cruéis  
Ao invés desse disfarce  
Empreender, investir em si  
Pintar fachadas cegas  
Valorizar a arte local  
Sem nunca enxergar  
Artista nenhum  
Prefiro o sincero  
Ao belo mentiroso  
Espelhos e fumaças  
Me cansam  
Por exemplo  
Essa poesia dói  
Cansa minhas vistas  
Mas pelo menos  
Me diz a verdade  
Só nisso já me vence  
Prefiro o que morde  
Com firmeza  
Ao que assopra

Cecília Lobo



## 29 de janeiro

Sob a brisa leve de felicidade  
Repouso para admirar  
A beleza de um céu mal-humorado  
Que é tão  
Esperado  
E amado  
por um povo maltratado  
pelo marrom das vegetações  
E pela rigidez nas planícies...

Fios luminosos acompanham  
desabafos estrondosos  
de um céu que em instantes começa a chorar...  
Choro cheio de esperança  
que alimenta paisagens  
desnutridas.

O choro passa,  
as plantas crescem,  
os animais nutrem-se  
E o solo enriquece.

Thays Thayllon



## Como controlar o relógio?

Ah, se pudéssemos controlar  
Esse relógio que insiste em acelerar  
Levando para bem longe  
Quem para sempre queria ficar

Valorize cada segundo  
Antes dele acabar

O tempo não se preocupa  
Segue veloz sem nos notar  
Quando estamos juntinhos  
As horas parecem voar

Valorize cada segundo  
Antes dele acabar

Então, eu fico a me perguntar:  
Como o relógio controlar?  
Queria por um momento  
Convencê-lo a não voar

Valorize cada segundo  
Antes dele acabar

Ainda bem que existe  
O relógio da memória  
Lá ficam guardadinhas  
Todas as nossas histórias

Valorize cada segundo  
Antes dele acabar



## Subterfúgio

O pleonasma das palavras  
intransitivas  
Flexiona a grafia sensorial  
dessas palavras-paletas,  
em meu subterfúgio e  
emerge sintaxe naquilo que diz  
o verbo sobre ficar...  
Pus-me em pétala,  
... que a santidade do Amor  
torne o ato inteligível,  
E a palavra destilada em grãos  
Comece a sentir essa futilidade das paixões efêmeras...  
Morrendo ainda mais rápido que as flores...  
dessas derivações impróprias,  
A tristeza sobra e transforma,  
tudo morre na invariável forma de amar e ficar...  
Amando as flores.

Dylla Vicente



## Música para os olhos dela

A bela mulher que sempre irrompe meus devaneios  
me aguarda acesa na entrada do nosso templo  
Fugaz e imensa alimenta meu desespero  
essa chama que arrasta o gosto vil do meu silêncio

Teu corpo se revela na intenção do nosso esconderijo  
Minha boca esgota a loucura dos teus lábios  
insaciáveis despindo nossos infinitos rastros  
Da Árvore do Amor furtamos o fruto do perigo

Ao cair da Lua tu cruzas essa ponte leve e curiosa  
dançando nua na brisa, cantando maravilhas  
em versos que transbordam a mais cálida poesia  
sobre um sonho tão real quanto a nossa história

Atrás da planície desponta o Sol fresco na tenda  
O cheiro da Terra úmida vem nos visitar pela manhã  
Meu amor, olha o nosso caminho, a nossa senda  
é viver com as aranhas que tecem o destino desse elã...

Adriane Monteiro



## Maktub?

Três estrelas  
Três Moiras  
Terça parte  
Que me guia  
Pela janela do quarto  
De onde eu nem previa  
Que a vida  
Fio a fio se tecia  
Em sete cores  
Que eu nem via  
Me perguntava  
Se o destino  
Realmente existia  
Como uma ordem a tudo  
Onde só a alma desobedecia  
Determinismo, aceitação  
Vontade ou fantasia  
Saber ou não saber  
Dúvida que me consumia  
Escrito ou não escrito  
Uma coisa eu percebia  
Viver com amor  
É a mais perfeita alquimia.

Luiza Moura





## Céus Acima

Sem águas só brilho, em um mar do céu vazio.  
Luzes mais antigas que o próprio tempo,  
Que presenciaram o primeiro vento,  
No céu redondo vasto... pontos de natureza imensa  
Longe estão, criaram o começo e não o finalizarão  
Antes do fim de nossa percepção.  
A labareda de chama estrelada longe permanece calada  
Em paz celestial.

Na montanha dos céus há abismos perigosos, só de olhá-los  
Já nos tira a grandeza e de nós faz perder a razão.  
Atrás ou embaixo de si as sombras dançam  
Pela luz que a segue.  
Nas estrelas do céu há amor e sensação,  
Pois pelo seu cruzeiro há esplendor e paixão.  
Não há rachaduras no seu breu ou imperfeição na sua  
forma.  
Ninguém nunca ficou revoltado com sua demora,  
Porque quando sua hora chega, sabemos o que nos espera  
Descanso e folga.

Minha visão acima olha, apreciando sem derrota,  
Querendo captar a rota universal  
E sua enormidade de beleza maior.

Quando venho a me despedir não hesito olhar para traz  
E novamente te admirar, sem certezas sinto  
Que verei o céu coberto por estrelas seguidamente.  
Quando me despeço...  
Em minha mente permanece, sua formosa grandiosidade,  
Os céus da meia noite...

Admiro novamente, antes de retirar-me,  
Aos meus olhos priva-se a beleza  
E o encanto momentâneo de sensação obsessa,  
Pela tontura expressa em sua ternura por uma mente de  
sua posse.  
Os céus que de tudo um dia já presenciaram.

Carlos Azzolin B.